

O Esplendor de Portugal: fragmentos entre Portugal e Angola.

Roberta Guimarães Franco¹

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo analisar a fragmentação narrativa abordada no romance *O Esplendor de Portugal* (1997), do escritor António Lobo Antunes, que problematiza o fim da guerra colonial entre Portugal e Angola (1961-1975), tendo como foco uma família (a mãe Isilda e os seus três filhos: Carlos, Rui e Clarisse) dividida entre os dois países. A fragmentação da narrativa se dá de várias formas, através da polifonia, do papel da memória, que desloca a narrativa no tempo (1978-1995) e no espaço e, principalmente, na estrutura do texto.

Palavras-chave: Fragmentação; Portugal; Angola.

*Escrever por fragmentos:
Os fragmentos são então pedras
sobre o contorno do círculo:
espalho-me à roda: todo o
meu pequeno universo em
migalhas; no centro, o quê?
(Roland Barthes²)*

O romance *O Esplendor de Portugal* (1997), do escritor português António Lobo Antunes, tem como foco a dissolução de uma família no contexto do pós-independência de Angola. Assim como em outras obras do autor, como *Os cus de Judas*, *Fado Alexandrino* e *As naus*, entre outros, o romance em questão tem como cenário o país do continente africano e suas recentes guerras. No entanto, em *O esplendor de Portugal*, o continente não é somente um lugar de passagem, mas também um lugar de origem, origem de uma família de portugueses nascidos em solo angolano. O romance abrange os anos de 1978 a 1995, período de guerra civil em Angola (1975-2002), e a dissolução dessa família que envia os três filhos, Carlos, Rui e Clarisse, para Portugal, na tentativa de fugir dos horrores da guerra. A dura viagem, o retorno à antiga metrópole, é narrador por Clarisse:

catorze dias ao léu na cobertura do navio sem toaletes nem espaço para nos deitarmos, sopas e feijões ao meio-dia e à noite, um balde para as necessidades vertido borda fora alegrando os golfinhos, as hélices remexendo-nos a comida no estômago, inclusive na piscina, inclusive nos salva-vidas viajavam pessoas, sacos, baús, malas, um piano despedaçado, periquitos, Luanda a apequenar-se aos pulos até os coqueiros da ilha se evaporarem, já não sobrava nada da África (...) (ANTUNES, 1999, p. 262)

¹ Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.

² *Roland Barthes por Roland Barthes*. Estação Liberdade, 2003., p. 108

Ao observarmos o título do romance, que faz referência ao Hino Nacional Português utilizado como epígrafe do livro, percebemos o tom irônico que permeará toda a narrativa. Os heróis do mar não mais existem, o Império Português perdeu as cinco colônias africanas depois de, aproximadamente, treze anos de guerra. Nesse momento, Portugal tem que lidar com os retornados, os portugueses que voltam da África, muitas vezes na miséria. Assim, o que está em destaque é a ruína da própria história de Portugal, o império que não consegue acolher aqueles que ajudaram na sua expansão.

A separação causada pela guerra é o mote para várias questões apresentadas na obra, e mesmo a organização da narrativa pode ser entendida a partir desse distanciamento. Assim, o romance, de estrutura psicológica, tem quatro focos narrativos e está dividido em três partes que contam com dez capítulos cada uma. A primeira parte conta com dois narradores, Carlos (o filho mais velho) e Isilda (a mãe), a segunda parte com Rui e Isilda, e a terceira parte com Clarisse e Isilda. Com esta divisão a história é contada em dois planos: no primeiro, o cotidiano dos três filhos (mais a mulher de Carlos, Lena) em Portugal, centrado no dia 24 de dezembro de 1995, quando Carlos espera os irmãos para o Natal, depois de quinze anos de separação, Rui está internado em uma clínica de repouso, e Clarisse sozinha em um apartamento a espera do amante; no segundo plano, encontramos a mãe, em Angola, e acompanhamos a sua permanência entre os anos de 1978 (ano posterior a ida dos filhos para Portugal) e 1995 (ano de sua morte).

Por este pequeno resumo da matéria do romance, já podemos perceber uma parte da sua estrutura fragmentada, já que a polifonia é apresentada em capítulos paralelos e alternados, e as narrativas de Isilda, Carlos, Rui e Clarisse não têm um objetivo de completude e totalidade. O trabalho com a linguagem, a construção estética da narrativa que transmitem a idéia de fragmento para quem a lê é o que importa. Como afirma Françoise Susini-Anastopoulos (*apud* EIRAS, 2005, p. 30), o texto interessante é aquele no qual o fragmento é resultado de uma prática e não de um acidente:

(...) mesmo a obra mais acabada é sempre fragmento de algo que a inclui, a transcende e a persegue. Inversamente, o texto menos “acabado” pode sempre parecer dotado de um “acabamento” próprio. Assim, (...) apenas são interessantes os textos onde a fragmentação, longe de se apresentar como um acidente ou uma realidade simplista, se manifesta como uma prática problemática e voluntária.

Seguindo o pensamento de Françoise, Pedro Eiras, estudioso do romance português contemporâneo, também afirma que o que interessa não é a totalidade e/ou o fragmento em si, mas a construção do fragmento pela escrita e, posteriormente, pela leitura: “Ora, se não há fragmento nem totalidade *por si próprios*, se ambos dependem de uma *diferença* que os desconstrói, o objecto de estudo é menos a totalidade ou os fragmentos do que o modo pelo qual a escrita/leitura os inventa” (2005, p. 32).

Como já afirmamos anteriormente, a estrutura do romance, a sua divisão em partes e capítulos, a polifonia de seus narradores, já se apresenta como fragmentada. Mas essa é a estrutura maior. Ao analisarmos o romance, encontramos outras formas de estruturação do texto que criam os fragmentos, como a repetição, o uso do itálico, entre outras.

O uso do itálico aparece em dois momentos diferentes da escrita: 1. quando aquele que narra mostra o ponto de vista de outra personagem. Em alguns momentos do texto, o narrador sai de cena e percebemos que outra voz toma conta da narração. Isto acontece, por exemplo, duas vezes no quinto capítulo narrado pelo Rui (ANTUNES, 1999, p.229), quando a sua narrativa fica em suspenso e encontramos cerca de duas páginas nas quais a sua avó demonstra o desgosto pela família construída pela filha e também narra a própria morte: “*todos temos a nossa cruz e a minha são os meus netos, o meu genro e os meus netos (...)*” (ANTUNES, 1999, p. 231), e cerca de três páginas nas quais o seu pai também fala da relação familiar e conta sobre o caso amoroso que deu origem ao filho bastardo Carlos (que descobrimos não ser filho legítimo de Isilda): “o meu pai a deitar os papéis no cinzeiro, a verificar o tapete , a limpar as mãos da Clarisse com o lenço

eu a deitar os papéis no cinzeiro, a verificar o tapete, a limpar as mãos da Clarisse com o lenço (...)” (ANTUNES, 1999, p. 234). Neste trecho percebemos a passagem da voz de Rui para a voz do pai, já que a narrativa é feita das duas formas, primeiro em escrita normal, o Rui narra a ação do pai, depois em itálico o pai narra a própria ação.

O segundo momento do uso do itálico é quando há uma diferenciação temporal. Como em todos os capítulos, de todos os narradores, há sempre a relação entre o presente e a rememoração, o itálico aparece para demarcar esta diferença, sendo usado na descrição do material da memória: “*eu a empurrar pessoas no portaló do barco e a minha mãe a prometer*” (ANTUNES, 1999, p. 38).

No entanto, é interessante observarmos que não há, de forma alguma, uma regra para essa estrutura, porque esses fragmentos não têm como objetivo tornar a leitura mais clara,

pois, apesar de fazer parte da totalidade, o fragmento também é o seu contraponto, como afirma Pedro Eiras:

Se a totalidade se caracteriza pela organização sistemática e homogeneizante das partes num efeito de unidade, dificilmente podemos pensar que o fragmento se apõe à totalidade. Ele constitui-a. (...) Assim, o fragmento não é antítese da totalidade, mas seu contraponto implícito ou uma nova forma de totalidade. (2005, p. 36)

A estrutura labiríntica do romance está ligada diretamente a temporalidade, já que o passado é constantemente chamado através da memória. Assim, a narrativa descreve a vivência do presente e rememora o passado. A desordem causada por esse vai-e-vem temporal também é uma forma de fragmentar o texto, e traz a idéia de caos, já presente na guerra que funciona como pano de fundo da narrativa: “*o mundo que não quer ser melhorado quer continuar a ser o que é absurdo e cruel e egoísta e violento e injusto e sem sentido algum*” (ANTUNES, 1999, p. 293). Segundo Calabrese, que trabalha o conceito de labirinto como um elemento neobarroco: “(...) o labirinto é apenas uma das muitas figuras do caos, entendido como complexidade, cuja ordem existe, mas é complicada ou oculta.” (1988, p. 145).

É neste contexto de rememoração que encontramos a repetição. Durante a narrativa nos deparamos com parágrafos inteiros repetidos. No entanto, não é somente nos trechos de rememoração que encontramos repetições, elas também aparecem como um chamado do presente, que tenta trazer o indivíduo de volta do passado. Um exemplo claro disso são as falas da personagem Lena, mulher de Carlos, que sempre interrompem o seu processo de rememoração. Somente no primeiro capítulo, narrado por Carlos, quando este espera a visita dos irmãos, a mesma frase “ – Já não vês os teus irmãos há quinze anos” aparece quatro vezes, entre outras semelhantes, como “ – Puseste-os na rua e agora passados quinze anos queres os teus irmãos de volta”, que aparece três vezes, em duas delas seguida do complemento “se fosse a ti não esperava visitas esta noite Carlos”.

Estes são exemplos de repetições curtas dentro de um mesmo capítulo, mas também evidenciamos longos trechos repetidos também em capítulos diferentes, mas de um mesmo narrador. Um exemplo é a explicação do pai de Isilda sobre a ida para África narrada e repetida por ela em capítulos diferentes. Esta passagem é bastante simbólica porque se liga a ironia do título do romance:

O meu pai costumava explicar que aquilo que tínhamos vindo procurar em África não era dinheiro nem poder mas pretos sem dinheiro e sem poder algum que nos dessem a ilusão do

dinheiro e do poder que de fato ainda que o tivéssemos não tínhamos por não sermos mais que tolerados, aceitos com desprezo em Portugal, olhados como olhávamos os bailundos que trabalhavam para nós e portanto de certo modo éramos os pretos dos outros da mesma forma que os pretos possuíam os seus pretos e estes os seus pretos ainda em degraus sucessivos descendo ao fundo da miséria, aleijados, leprosos, escravos de escravos, cães (...) (ANTUNES, 1999, p. 243)

Dentro desse labirinto de repetições e vai-e-vem temporal, a aparente ordem, que pode ser percebida na “preocupação” com as datas presentes em cada segmento do romance, que indicam o presente de onde parte a narração, logo se perde na complexidade narrativa, no caos da estrutura familiar que é descrita pela mãe de Isilda, feliz pelo seu marido ter morrido antes de ver a desgraça da família: “*um bêbedo, um mestiço, um doente, uma moça que há-de acabar nas barracas da ilha a estender roupa com as outras desgraçadas enquanto os clientes não chegam que sorte a doença ter-te poupado a isto, Eduardo*” (ANTUNES, 1999, p. 372)

O labirinto em *O esplendor de Portugal* também está presente nessa ruína familiar (também ruína do império português): os filhos em três lugares diferentes de Portugal, a mãe a perder-se em uma Angola em guerra, e os outros parentes já mortos. As narrativas dos filhos, sempre datadas em 24 de dezembro de 1995, e todos a comentarem o convite de Carlos para o Natal, e as narrativas da mãe que caminham para o mesmo 24 de dezembro de 1995, indicam um possível encontro, principalmente, porque no último capítulo, narrado pela mãe, ela afirma: “E então decidi que este ano festejávamos o Natal em casa” (ANTUNES, 1999, p. 369). No entanto, este não é um romance de encontros, *O esplendor de Portugal* é sobretudo uma narrativa de desencontros e silêncios. Logo, o jantar de Natal entre os irmãos que não se vêem há quinze anos não acontecerá. Carlos será abandonado por Lena, Rui foge da casa de repouso e Clarisse sente a solidão da vida de amante que leva. Isilda, a mãe, jamais fará um Natal em família, por que morrerá, como mais uma vítima comum da guerra civil.

(...) mas não tinha medo por ser dia, as tropas, mesmo o dos botins de verniz, não iam roubar-me nem levar-me com eles nem fazer-me mal, não havia um só quarto às escuras na casa de Malanje, erguiam as metralhadoras, fixavam-me com a mira, desapareciam atrás das armas, o modo como os músculos endureceram, o modo como as bocas se cerraram (...). (ANTUNES, 1999, P. 381)

Como esclarece Omar Calabrese o melhor do labirinto não é a sua solução, mas o perder-se. A construção do labirinto sem fim é o grande trabalho estético do autor, já que o prazer da leitura é perder-se na linguagem e não simplesmente chegar ao fim de uma história:

O mais moderno e “estético” dos labirintos e dos nós não é aquele em que prevalece o prazer da solução, mas aquele em que domina o gosto da ofuscação e o mistério do enigma. (...) o que mais do que qualquer outra coisa preside ao nó e ao labirinto moderno é o claro prazer do perder-se e do vagabundear, renunciando, se possível, ao último princípio de conexão que é a chave de solução do enigma. (Calabrese, 1988, p. 155)

Desse modo, percebemos que a fragmentação não está presente, unicamente, na construção estética da narrativa. Os sujeitos que compõem o romance também são fragmentados. Carlos tem a sua própria identidade, mestiço e filho bastardo, como objeto de um segredo que, na verdade, todos escondem e sabem ao mesmo tempo. Rui também é um ser fragmentado pela sua condição psiquiátrica. Clarisse busca, na vida pautada pelas aventuras sexuais, fugir da realidade. Por fim, Isilda, que nunca é lembrada pelos filhos como uma mãe dedicada e carinhosa, e também é criticada pela mãe por ter formado essa família, vive cindida entre o passado glorioso e o presente em ruínas.

Referências bibliográficas:

- ANTUNES, António Lobo. *O Esplendor de Portugal*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- CALABRESE, Omar. *A idade neobarroca*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- EIRAS, Pedro. *Esquecer Fausto*. Porto: Campo das Letras, 2005.
- SEIXO, Maria Alzira. *Os romances de António Lobo Antunes*. Lisboa: Don Quixote, 2002.

RESUMÉ:

Cet article a comme objectif analyser la fragmentation narrative abordée dans le roman *Le Splendeur du Portugal* (*O Esplendor de Portugal* - 1997), de l'auteur António Lobo Antunes, qui présente la fin de la guerre coloniale entre Portugal et Angola (1961-1975), en ayant comme foyer une famille (la mère Isilda et leurs trois fils: Carlos, Rui et Clarisse) divisée entre les deux pays. La fragmentation du récit est faite de plusieurs formes, à travers la polyphonie, du rôle de la mémoire, qui déplace le récit dans le temps (1978-1995) et dans l'espace et, principalement, dans la structure du texte.

Most-clé: Fragmentation; Portugal; Angola.